

ENTRE IMAGENS

Ivânia Marques
Mestranda em Educação no Laboratório de estudos Audiovisuais (OLHO)
da Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, São Paulo
marques.ivanias@gmail.com

Alexsandro Sgobin
Mestre em Educação no Laboratório de estudos Audiovisuais (OLHO)
da Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, São Paulo.
Alexsandro_sgobin75@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo trazemos um convite aos leitores de entrar em relação com o espaço através da produção de imagens. Um diálogo entre imagens realizadas em dois momentos: primeiro a partir de imagens que receberam transformações em meio digital, sendo então utilizadas em aulas de Geografia do ensino fundamental em escolas públicas de Campinas e o segundo com imagens realizadas no ensino médio de uma escola pública de Americana. Imagens com câmeras pinhole - construídas artesanalmente.

A proposta é levar os alunos à experiência de um viajante, refletir sobre as imagens que reverberam dessa experimentação do espaço, provocar rasuras e convidar à criatividade ao mostrarem fragmentos do espaço geográfico que desdenham da “objetividade”.

Que viagens foram e são possíveis com estas imagens? Que rasuras, que rizomas foram convidados e efetivamente surgiram, e se não o fizeram, por quais motivos a potência não se efetivou?

PALAVRAS-CHAVE: território, fotografia e experimentação.

INTRODUÇÃO

Subversões, superversões, versões outras. namoro com a realidade, beijos de amante na hiperrealidade. mergulho em uma superfície de dimensão nua, sem que se possa afirmar para que lugares se caminhará, que passeios fará o olhar que serpenteia e baila frente a uma fotografia... e é sobre fotografias que se deseja escrever neste ensaio; mais precisamente fotografias utilizadas em práticas de aula em escolas públicas do Ensino Fundamental de Campinas.

Pelo beijo e pelo tremor da terra, criamos (e fomos re-criados) por fotografias inusuais, rasuradas, com a intenção de deixar o olhar dos alunos brincar, se o assim o desejassem, abandonando a imposição da “imagem-registro” tão comum em livros didáticos: ali as imagens estão como “confirmações” de um ou vários textos, “provas” daquilo que se está sendo dito; repetição, não a repetição que Deleuze evoca, mas um mais-do-mesmo – dispensássemos o texto ou a imagem nestes livros, quem nos faria menos falta?...

Estas fotografias rasuradas, é preciso esclarecer logo de início, vêm irmanadas com uma série de outras práticas de aula inspiradas na pedagogia libertária (tal inspiração resultou em aulas fora de sala, abandono do currículo formal por um currículo construído junto aos alunos, negociação das liberdades, entre outras), e a estas práticas, utilizando um conceito de Deleuze e Guattari (2010), chamaremos de

máquinas... máquinas ligadas a máquinas, rede maquinica: isto porque as fotografias as quais me refiro foram sempre convidadas a entrar em nossas aulas sob/sobre/ao lado/ (d)essa rede, cujas engrenagens se espera que façam gerar a subversão das habituais maneiras com que se conjugam fotografias e educação. Nossas fotografias não eram parte de um material de aula disposto de maneira a “exemplificar” o que estava sendo discutido, mera ilustração de um assunto, ou, menos ainda, “registro do real”, tal qual geralmente se utilizam fotografias em situação de aula.

Como diz Elaine dos Santos Soares (2012, p. 128):

Fotografias em livros didáticos nos aparecem como evidências daquilo que nos trazem à vista. Justo por isto, o olhar que legamos a elas é de mero relance, apenas para saber o que há _ como é a aparência, o tamanho, a cor _ do/no lugar indicado na legenda ou como prova de algum assunto que está sendo apresentado no texto escrito do livro. Estas fotos, então, se colocam diante de nós como que divulgando os lugares/assuntos fotografados, mas não nos levam a divagar para além e a quem destes lugares/assuntos.

Falamos de fotografias que são - deseja-se que sejam- *mundos-em-si*; aberturas, vãos, tocas abertas a golpe de máquina (é quando a máquina se torna *máquina-de-guerra*) na superfície da fotografia, convite a espiar pelo buraco, demorar-se um pouco mais sobre a imagem, e subvertendo-a (superventendo-a?), *divagar*. Mas, como?

Em demanda desta subversão utilizamos a manipulação digital de fotografias tiradas pelos alunos durante aulas de campo de Geografia, procurando atingir estes *mundos-em-si*, retirando a fotografia da comodidade “didática”, rasurando o real (ainda que na imagem final certamente exista indícios do real, daquilo que se chama o real indicado nas fotos) através da acentuação exagerada do contraste, da mudança de matizes, colagens, torções, distorções...brincando com o “indício do real” que a fotografia carrega consigo¹:



FOTO I
Acervo pessoal.

¹Susan Sontag (...) já denunciava com falsa esta suposta “objetividade” da fotografia, que lhe emprestaria o poder de representar fidedignamente o “real”. Se toda e qualquer fotografia tem *intencionalidades*, sua “objetividade” não pode existir.

Que o olhar crie pela superfície da foto; por este caminho passamos em busca de pontos de erosão, mas a fotografia deste momento não é convidada a aparecer na próxima aula como “registro” do que fizemos e vimos, mas como potência, como um mundo que a remete, mas não apenas, a um mundo que semana passada conhecemos e agora rasuramos na fotografia.



FOTO II
Acervo pessoal.

A que geografias, a que matemáticas, a que sentires inusitados se poderia convidar com o uso de fotografias manipuladas digitalmente? Imagens que remetam ao real, mas que ao mesmo tempo brinquem com ele, cause espanto, estranhamento, que desafiam dos padrões e de ordens bem estabelecidas; imagens-criança, resistindo junto do instituído pela escola. Subversões, superversões em franca tentativa de sedução.



FOTO III
Acervo pessoal.

1. [criar atalhos, tocas, descaminhos, na superfície da imagem. Isto é: deixar caminhos preparados para a *aventura*];

1.000. [resistir em relação ao uso que comumente se faz das imagens no ambiente escolar].

5.300. [resistir em relação às construções de poder oficiais da escola, e não-oficiais].

∞. [redes neurais em pleno movimento, rede neural sala, rede neural rua, rede neural grêmio, rede neural afectos.....].

#[máquinas ligadas a máquinas. Que se conectam a, que se conectam a, que se conectam a...]

A aventura das experiências com as fotografias manipuladas está justamente na *manipulação*: manipular o que, por si, já é uma manipulação: o ato de fotografar. Empunhar a máquina, escolher um motivo, realizar o enquadramento, premir o botão de disparo, onde a *imparcialidade* nisto tudo? *Intenciono* ao fotografar, e isto já é todo um mundo de possibilidades, com todas as potências que daí podem ser gestadas.

Uma vez que o aluno deve ser convidado a mirar tais fotografias a bel-prazer (não se esperará dele uma “resposta” fechada, que o olhar brinque!), as possibilidades e emoções (ou indiferenças) que disso brotarão dificilmente poderão ser apreendidas, mapeadas, capturadas – quê? Não se trata de não haver controle algum sobre o que acontece naquele momento de aula, *mas de aceitar o múltiplo como produto da experiência com estas fotos*, inconsciente como usina (Deleuze e Guattari, 2010), linhas de fuga que acaso surjam do imenso, infinito mundo que é a mente de Mateus, Carlinhos ou Rebeca.

Quando manipulamos as fotografias, criamos ficções; segundo Geoffrey Batchen (1997, p. 210):

La diferencia principal es que, mientras que la fotografía sigue reivindicando cierta clase de objetividade, la producción de imágenes digitales sigue siendo un proceso abiertamente de ficción. Como práctica que sabe que no es más que pura invención, la digitalización abandona incluso la retórica de la verdad, que ha sido un elemento de gran importancia en el éxito cultural de la fotografía. Como su propio nombre sugiere, los procesos digitales devuelven, de hecho, la producción de imágenes fotográficas al capricho de la mano humana creativa (a los dedos). Por esa razón, las imágenes digitales son, en definitiva, más cercanas en espiritual arte y la ficción que a la documentación y los hechos.

E o que se busca com tais ficções? O chamado à criatividade, ao criancear. Brinco com a fotografia porque desejo que o olhar do aluno dance a roda também, ou se ria dela, ou a insulte; caminhos inusitados, tudo faremos para evitar a “senda reta”, a estrada onde pés já cansados trilham geometrias escolares rígidas, há muito traçadas.

Das fotografias manipuladas digitalmente às obtidas com máquinas *pinhole*, a demanda é em busca de olhares que viajam, desdenhando do turista e imitando o vagabundo, o olhar vagabundo que passeia curioso e matreiro, o medo e a formalidade não estão convidados quando trabalhamos com estas fotografias – queremos o *risco*.

E quem dirá o que é o risco? Quando inserimos efeitos em uma fotografia também intenciono, e a busca é por elevar a enésima potência aquilo que já está

presente na fotografia “comum”: todo um mundo de possibilidades, cada um verá na superfície do papel ou da tela eletrônica o que seu olho e suas emoções enxergarem. Assim, quando adiciono (ou retiro) elementos, radicalizo cor e sombra numa fotografia, *transformo*, o que faço é preparar mais e mais caminhos possíveis para a deriva do pensamento, e aí não cabem mais previsões, pois nunca saberemos que viandas tomará o olhar de Luís, Cecília ou Jonathan [risco].

Ao criar ficções com as fotografias e convidar estas imagens para as aulas, eliminamos, tanto quanto possível, a chance destas imagens ali estarem como “registros” do assunto em discussão; não há mais um caminho que se bifurca e certamente voltará a ser uma só estrada, mas um caminho-de-rizoma, mil sendas abertas - caminhamos ao lado, atrás, sobre, debaixo, de mãos dadas com o assunto da aula que, aliás, pode ser abandonado temporariamente em prol de algo que mais interessante que se apresentar.

A fotografia rasurada baila com a fala dos alunos e do professor, com a aula expositiva, com o texto, o filme; é um mundo-em-si, não um “complemento” de algo, mas um novo par na dança, e esta desdenha da uma ordem imposta, pode ser ciranda, valsa, aqui se arrastam os pés freneticamente, ali se colam os rostos. A potência está na criação de *platôs*, e não no encadeamento de assuntos e imagens, os elos o mais juntos possível, pelo receio de que “o aluno se perca” durante o processo de aula: certo, não se deseja que o aluno se perca, mas que passeie o olhar pela foto, instigado por ela, por aquela superfície expoente de ficções, a tal ponto que se permita passear também pela aula, pelo texto, pela fala, pelo afeto... passear passeios de bosque, não apenas de escola [ritmo que se desejaria quase marcial]: o andar do vagabundo permite mirar coisas no espaço geográfico que o olhar “escolar” talvez receie aceitar, ônus do “certo” e do “errado”, da rigidez da escola que constrói um “caminho reto”.

Das imagens produzidas nas *pinholes*, às ficções criadas por programas de manipulação de imagens, extravasam universos, múltiplas linhas de força emergentes [ou talvez não] daquelas superfícies bidimensionais e é nos feixes de linhas de força que está grande parte do interesse: ali o movimento serpenteia, faz circunvoluções, escapa, grita, silencia... mas haverá pelo menos *um ponto de chegada*?

Talvez o ponto de chegada seja necessário quando das primeiras experiências, para que o aluno não se sinta, de alguma forma, desamparado: improvável que já tenha sido apresentado várias vezes à imagens rasuradas ou ao sonho de uma “imagem *pinhole*”, e chamado a pensar sobre elas. Assim, é justo que haja um “objetivo”, afinal, escapar *completamente* do espaço estriado de uma escola não é possível - conquanto seja possível *resistir* junto a ele, e isto já é todo um mundo. Que o *processo* de chegada ao objetivo (seja ele uma discussão sobre solos, sobre a periferia das grandes cidades, sobre a migração...) seja enamorado da multiplicidade, eis aí potências!

E se avançássemos um pouco mais? Repetidas experiências em nossas aulas em classes do ensino fundamental mostraram que o uso das imagens rasuradas chama a atenção, mas não “confunde” os jovens alunos; a suposição (na verdade, a preocupação) que tínhamos antes de tentar a primeira experiência deste jaez, de que talvez as imagens rasuradas causassem um estranhamento maior do que o esperado, acabou não se revelando. E, embora estas experiências sejam ainda muito novas, em nosso caso, para que se possa realmente afirmar algo, podemos sugerir que talvez as imagens manipuladas [digitalidade] alcançaram tal poder de adentrar o cotidiano de alunos em condições de acessarem mídias eletrônicas diariamente, que uma imagem rasurada não se mostra como “diferente”; donde se segue que então seria plenamente possível que um *novo regime de uso de imagens em salas de aula fosse tentado*, não só apenas com

fotografias e imagens servindo de “registro”, “prova” ou “ilustração” do que se está discutindo, mas, repetimos, como *novos mundos*, quer sejam produzidos pelo professor, pelos próprios alunos, por outrem... imagens-criança, portanto, algo mais rebeldes - mais anarquistas, ousaríamos dizer.

Naturalmente cabe examinar qual a relação dos jovens alunos com a [digitalidade] e como podem contribuir para a (des)construção de processos de aprendizagem com o uso de imagens; com estas (des)construções deseja-se *resistir* junto a uma “tradição visual” ainda vigente, como diz Henrique Parra (2010: 179):

É importante destacar que a imagem em mídia digital é herdeira de uma tradição visual, que irá influenciar os seus possíveis usos e interpretações. Basta verificar o emprego frequentemente dado às máquinas fotográficas e videográficas digitais: registro de coisas e eventos cotidianos voltados a servirem de suporte da memória no futuro.

Se a resistência junto a esta tradição visual tem mostrado em nossas aulas menos dificuldade de florescer do que havíamos antes julgado, cabe então examinar igualmente os fatores que levaram a este relativo “sucesso”, através de questões como: qual a relação destes jovens alunos com as imagens nas quais vivem imersos? A que ponto a intensa manipulação de imagens nas mídias eletrônicas (uma vez que o acesso a estas imagens para estes alunos se dá muito mais via Internet e televisão) tornou nebulosa a fronteira entre imagem “real” e rasurada, fazendo pouco importante a diferença entre uma e outra nas miradas de crianças e adolescentes de hoje? [tudo se torna ficção].

A própria saturação imagética da modernidade não estaria nos auxiliando no sentido de poder usar imagens rasuradas sem grandes sobressaltos?

Desterritorializar em linhas soltas, vagando pelo espaço, arrebatadas pelas sensações e prazeres domados em um ambiente escolar. Caos diante de imagens potentes de pensamentos. Caminhantes errantes buscando o desconhecido. Pássaros fugidios de janelas.

Janelas vagando pelos céus sem intenção de se fixar. Voando alto no embate com as imagens pulsantes em suas mãos. O que dizer? Como romper com a frágil ideia do fixo, permanente e real?

a escrita exige sempre a poesia. E a poesia é um outro modo de pensar que está para além da lógica que a escola e o mundo modernos nos ensinam. É uma outra janela que se abre para estrearmos outro olhar sobre as coisas e as criaturas. (COUTO, 2005, p. 45).

Acomodar-se. Caminhantes paralisados em práticas educativas lineares. Professores caminhantes reféns de si mesmos. Territorializados, fixados como janelas em monumentos eternos. Surge um convite. Um convite para romper este anestesiamiento. Um convite a caminhar. Tornamo-nos caminhantes a deriva.

Pequenas latas, papéis fotográficos, andar solto, procurando... Buscando o que já não se sabe mais. Desconfiança que bloqueia e promove um outro desejo. Experimentação? Buscando romper fronteiras e formas tradicionais de brincar com as imagens um pequeno grupo aceita o convite de se arriscar. Tentando evitar o conflito instaurado mal percebiam que estavam envolvidos e abraçados a singela lata. Agora arriscando um jeito de resolver o conflito. Sentados, agachados, em grupos unidos, isolados, qual seria a melhor imagem? Pensando com Massey (2008) além do espaço, tínhamos o tempo que nos levava à multiplicidade dos trajetos e a excentricidades de possibilidades. Para ela, o espaço é produto de inter-relações e esfera de possibilidades (multiplicidade).



FOTO IV – Janelas.
Acervo pessoal.

Conflitos e fluxos sem direção. Rizomáticos. Pulverizados pelo espaço escolar e local de possíveis interesses. Microcompreensões ou policompreensões infinitas? Nenhuma imagem produzida. Vazios.

Sensações de pertencimento e vazios. Vazios cheios de sentidos e de silêncios, mas silêncios que têm sua materialidade definida pela relação estabelecida entre dizer e não dizer. (ORLANDI, 2009).

Momentos em que o vazio é uma necessidade. Poder ter espaço para se calar, silenciar, falar sobre solidão ou não falar nada. Permitir com respeito e naturalidade a vontade de dizer e não dizer. Momento primoroso e raro na relação com as pessoas e que deixamos de lado na correria entre as aulas. Escrever para falar sobre esses vazios. Escrever para diminuir o caos. A educação anuncia esses desequilíbrios e inquietações. Anuncia acontecimentos. Nessa tensão e instabilidade re-inventamos. O corpo mostra sua fragilidade e resiste. Resiste quando fala, escreve e age com mais sentido. Vive com mais sentido. Vive com mais intensidade.

Incluir a potencia da linguagem fotográfica em nossa rotina é permitir uma educação pela diferença. A diferença se faz pela sensação. É inventar. É conversar sobre singularidades e devires. São com as sobras e restos que nos conhecemos. Percebemos nossa relação com o mundo.

Falamos sobre fotografias, sobre experiências e sobre a disponibilidade de pensar. Atravessamos o lugar que vivemos, interpretando-o. Lugar de resistências.

Aqui mantemos o desejo de continuar criando. Criar. Criar. Criar...
Estamos sempre recomeçando.

Mesmo inconformados esperaram pelo resultado. E qual seria este resultado?
Momento de espera.

Desprovidos de outro jeito de fotografar, conhecendo apenas o mundo digital, aguardavam. Inúmeras tentativas e pouca produção. Motivo de risadas e receios. Imaginações. Intensidades de sonhos e desejos. Um intervalo entre aulas. “Arte”, disseram, retornando para suas salas, aos outros já curiosos ao verem a alegria estampada sem seus rostos.

Arte sim, capaz de um movimento transversal que possibilita e envolve tempos para criação nos dias de hoje. Movimento envolvendo o tempo, o espaço e as pessoas. Experimentação que leva a possíveis deslocamentos e a expandir sentidos. Seria possível uma educação de possibilidades?

Romper com linhas imaginárias de poder e arriscar-se. Observação. Admiração e reconhecimento de saberes esquecidos e que por um instante despontam plurais e entrelaçam a novas sensações e saberes novos em mundo invertido e em negativo.



FOTO V – Dobras.
Acervo pessoal.

Fotografias diferentes e intensidades pulsantes. Pontos convergentes de um mundo novo, carregados de sentidos. Entre rasuras provocadas digitalmente e rasuras provocadas pela luz há um desarranjo no pensar. Discursos são quebrados.

Desorganizados. Há potência na cor ou em preto e branco, nos diferentes planos e na ausência deles, nos apagamentos ou justaposição, na intensidade ou no monocromismo, na colagem e na dualidade do negativo e positivo.

As experiências com a linguagem fotográfica criam fraturas permanentes entre os aprendizes do mundo. Dissolvem papéis e progressivamente entra em um caminho sem volta, um caminho do sensível, de uma vida sensível.

Há um deslocamento de papéis e o embate se direciona para com o mundo. Ainda continuamos desiguais, estrangeiros, na educação. Somos nômades buscando fissuras na tão conhecida fotografia. Pensamentos aventureiros. Talvez o impossível.

Corremos em busca de possibilidades de experiências e fugimos da aula comum. Permeamos caminhos que anteriormente desfizemos. O que nos guia nesse momento? Que fagulha nos incendiou que desejamos fugir dessa manipulação social, econômica, educacional e mediática? Difícil dizer que já não cairemos em contradição. Rompemos, cansamos de uma cumplicidade com a impossibilidade. Essa encenação teatral nos priva de nos conhecer e de conhecer nossos parceiros em aula. As imagens nos fortaleceram dessa asfixia. Criamos probabilidades. Multiplicamos ideias, pensamentos, singularidades e podemos dizer que somos diferentes. Quebramos a continuidade, a linearidade, o tempo. Um devir. Em novas linhas de forças continuamos nossa procura. Procuramos tornar visível essa linha. Para Deleuze (1990) “seria necessário, simultaneamente, atravessar a linha e torná-la vivível, praticável, pensável. E fazer disso, tanto quanto possível, uma arte de viver”. Afinal pensar pode ser perigoso!



FOTO VI – Imagem I
Acervo pessoal.

Desafiante experimentação que se manifesta pelas linguagens. Deslizantes sentidos que escapam, alimentam conversas e ativam a sensibilidade em meio ao mundo problemático que vivemos.

Um intervalo, pausa, *intermezzo*. Algo que transborda a nossa prática diária e rotineira. Surge a ausência da dualidade professor – aluno. Há um encontro. Improvisamos e saímos da posição costumeira e como aprendizes combatemos nosso próprio *modo de ser professor*. Desejamos promover encontros intensos, pois há uma variedade infinita da criação e possibilidades em experimentar com/pelas imagens. Como se as imagens procurassem por viajantes inventores. Inventores de novos jeitos de conhecer seu espaço/lugar. Inventores sem rota precisa, mas amantes dos descaminhos e das derivas.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005^a

DELEUZE, Gilles. **Cinema II: a imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ORLANDI, Eni. Silêncios: Presença e Ausência . **Revista Comciência**, n.101, 10 set. 2009. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?module=comciencia&action=view§ion=8>. Acesso: 10 set. 2013.